

Aprovada na 1039ª sessão

ALADI/CR/Ata 1036
(Extraordinária)
Horas: 9h às 10h15m
23 de abril de 2009

ATA DA 1036ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA
DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do Dia

1. Exposição da senhora Alicia Bárcena Ibarra, Secretária-Executiva da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), sobre as ações da CEPAL para enfrentar a crise econômica internacional.
 2. Exposição do senhor Armando Mariante, Vice-Presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, sobre o papel e as perspectivas do BNDES para o processo de integração regional latino-americano.
-

Preside:

REGIS PERCY ARSLANIAN

Assistem: Juan Carlos Olima, Guillermo Daniel Raimondi e Federico Villegas (Argentina), Regis Percy Arslanian, José Humberto de Brito Cruz, Liliam Beatrís Chagas de Moura e José Gilberto Scandiucci (Brasil), Eduardo Araya Alemparte e Hernán Enrique Nuñez Montenegro (Chile), Claudia Turbay Quintero e Cielo González Villa (Colômbia), Marielena Ruíz Capote e Mirna Martínez Ajuria (Cuba), Edmundo Vera Manzo e Vladimir Jarrín (Equador), Cassio Vitale Manuel Luiselli Fernández, Dora Rodríguez Romero e Ricardo Lozada Caballero (México), Emilio Lorenzo Giménez Franco, Octavio Ferreira Gini e Roberto Pauly Fernández (Paraguai), Jorge Antonio Rosado La Torre e Ricardo B. Romero Magni (Peru), Gonzalo Rodríguez Gigena, Linda Rabbaglietti e Raquel María Rodríguez Sanguinetti (Uruguai), Luisa López Moreno e Cecilio Crespo (Venezuela), Michel Coquoz (Suíça), e Pascual Gerstenfeld (CEPAL)

Secretário-Geral: B. Hugo Saguier-Caballero.

Subsecretário: Oscar Quina Truffa.

PRESIDENTE. Bom-dia. Quero dar as boas-vindas à Secretaria-Executiva da CEPAL e ao Vice-Presidente do BNDES.

O que fazemos aqui na ALADI é integração, em uma Casa da Integração, tudo o que fazemos é pela integração e pelos objetivos que temos aqui. O objetivo final é a integração entre os países latino-americanos, a união e a aproximação maior entre nós, portanto, ter aqui a Secretaria-Executiva da CEPAL, a senhora Alicia Bárcena e o Vice-Presidente do BNDES, Armando Mariante, dois grandes atores e figuras proeminentes para a integração latino-americana, justamente, é uma grande honra para nós e os recebemos com muito orgulho.

Queria dizer rapidamente algumas palavras sobre o papel deles para a integração. A senhora Alicia Bárcena Ibarra, a Secretária-Executiva da CEPAL, que sempre foi uma fonte inspiradora para a integração e para o desenvolvimento da América Latina, e veio expor-nos como a CEPAL está realizando ações para enfrentar a crise econômica internacional e como essas ações contribuem para mitigar o impacto que essa crise econômica internacional tem sobre a nossa região.

O Doutor Armando Mariante veio para falar-nos sobre o papel e as perspectivas do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social do Brasil para o processo de integração regional latino-americano e para dizer-nos como o Convênio de Pagamentos e Créditos Recíprocos que foi um dos dois temas objeto de discussão ontem no Seminário, no importante Seminário, como é importante também para a integração latino-americana, que o Doutor Armando Mariante veio à abertura do Escritório do BNDES em Montevideu, justamente com esta perspectiva de integração latino-americana.

Então, não quero falar mais e informar que por questões logísticas dos dois convidados que vão se apresentar aqui hoje, vamos inverter a ordem das exposições e vou solicitar que comece o Doutor Armando Mariante, com sua apresentação, muito obrigado.

2. Exposição do senhor Armando Mariante, Vice-Presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, sobre o papel e as perspectivas do BNDES para o processo de integração regional latino-americano.

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DO BRASIL (Armando Mariante). Eu queria agradecer muitíssimo a presença de todos. Queria cumprimentar o Secretário-Geral, queria cumprimentar o Presidente de nosso Comitê, meu amigo Embaixador Régis, cumprimentar a Secretária-Executiva da CEPAL, Alicia Bárcena.

É um prazer muito grande estar, eu diria, debutando na ALADI. É a primeira vez que venho a este importante fórum de debates de criação intelectual, de contribuição para o desenvolvimento de nossos povos irmãos.

Eu considero que este é um momento, particularmente, oportuno, porque temos uma crise de grande proporções, de proporções que nós não seríamos capazes de prever há um ano, há muito pouco tempo, instalada em todo o mundo, e afetando, com muita perversidade, os países do hemisfério norte, as economias desenvolvidas, mas também afetando aqui, na América Latina.

Ontem, no nosso Seminário, eu ouvi várias vezes que tínhamos uma crise financeira. Na verdade, nós temos uma crise muito mais que financeira. Ela começa com uma crise financeira, mas rapidamente passa a ser uma crise econômica, e já está acontecendo isso; e como crise econômica ela passa a ser uma crise social também, e também já está acontecendo isso. Então não é simplesmente uma crise financeira, seria bom que fosse, mas não é. É uma crise muito mais grave, e nessa crise um dos pontos mais importantes que voltam ao debate intelectual é, justamente, a presença do Estado na economia.

A teoria do Estado mínimo, as críticas que, no nosso caso específico do BNDES recebíamos dentro e fora do Brasil por uma constatação, talvez equivocada ou exagerada, de que o Estado brasileiro estava presente demais na economia, estava influenciando demais os rumos da economia. Este debate, simplesmente, eu diria que não mais existe, porque a presença do Estado na economia tem se mostrado absolutamente vital para que os efeitos da crise se tornem um pouco minimizados.

É evidente que a crise não se extinguirá com ação do Estado, seria absurdo esperar isso, mas, de certa maneira, contribui para que a crise minimize os seus efeitos. Eu li há poucos dias que o Primeiro Ministro da Inglaterra, Gordon Brown, está aprovando a criação de um banco de desenvolvimento na Inglaterra, um banco estatal de desenvolvimento na Inglaterra. Eu não esperava ver isso, e nos meus dias de vida estou vendo. Um banco 100% estatal, com recurso do tesouro, com a finalidade de promover parcerias público-privadas com a finalidade de desenvolver pequenas e médias empresas e criar novos *new business*, novas áreas de negócios. O FED, Banco Central americano, todos sabem, tem suado a camisa para conseguir fazer o dinheiro chegar às empresas, porque ele liberou dinheiro para os bancos, e os bancos não passaram dinheiro para as empresas, porque o mundo tem, essencialmente, uma crise de crédito, uma crise de confiança, e nenhuma instituição está mais aparelhada para restituir confiança que um Estado nacional soberano. Essa é que é a verdade.

O PIB mundial hoje é de cerca de 60 trilhões de dólares. O comércio mundial, que se desenvolveu muito nos últimos anos, é de 23, ordem de grandeza, trilhões de dólares, e o crédito comercial que ampara o comércio é de cerca de 12 trilhões de dólares. Há dez anos, mais da metade desses 12 trilhões de dólares de financiamento ao comércio era de origem estatal, hoje não. Hoje dos 12 trilhões de dólares, nós temos algo como 2 trilhões de dólares que são de origem estatal. 10 trilhões de dólares são inteiramente privados e esses 10 trilhões de dólares, não digo que deixaram de existir, porque seria um exagero, mas eles diminuíram de tamanho, e isso afetou dramaticamente o comércio nacional. Há navios carregados de mercadorias que não conseguem deixar os portos asiáticos em direção aos Estados Unidos, porque não se fechou a carta de crédito, porque houve problemas de risco e percepções de risco mais elevadas, e os bancos estão fugindo do crédito e procurando aplicar o dinheiro, justamente, nos Estados soberanos. Quer dizer, o título mais precioso, hoje em dia, são títulos de dívida pública dos diversos Estados nacionais.

Então*, enfim, creio que esse é o momento bastante oportuno para mostrar um pouquinho o BNDES. Eu queria dividir a apresentação em duas etapas rápidas, para mostrar um pouquinho o que é o BNDES, quais são as restrições do BNDES e o que o BNDES consegue fazer, não só no Brasil, como na América Latina, e dizer um pouquinho da nossa percepção de quão importante é o CCR como ferramenta de trabalho, como ferramenta de integração. Nós temos essa clara convicção que temos na mão uma ferramenta potencialmente importantíssima que poderia se converter rapidamente no exemplo para o mundo da utilização do CCR.

O BNDES, como o próprio nome está dizendo, é um banco nacional de desenvolvimento, não é um banco regional nem internacional. Portanto, o BNDES tem uma restrição institucional, uma restrição, digamos, legal. O BNDES pode efetuar, conceder apoio a projetos que tenham alguma conexão, alguma interface com o Brasil. O BNDES tem 57 anos de idade, foi criado no governo do Presidente Getúlio Vargas. O BNDES tem o Estado brasileiro, através do tesouro nacional, como único acionista, 100% é uma empresa pública, 100% pertencente ao Estado brasileiro. Tem sido, ao longo dos seus 57 anos de idade, um instrumento chave para implementar a política de infra-estrutura e política industrial do país, e o Banco tem sido bastante bem sucedido nisso. É a principal fonte de crédito de longo prazo, quase a única no Brasil. Nos últimos anos, com a integração maior do Brasil com a economia internacional, houve linhas de créditos de longo prazo externas chegando ao Brasil, muitas vezes em complementaridade com o BNDES.

O BNDES também funciona como uma agência promotora de exportações. Nós somos essencialmente um banco de crédito de longo prazo, nós financiamos prazos que variam de cinco anos, para aquisição de máquinas e equipamentos, até 20 anos, em uma grande obra de infra-estrutura, como são as duas hidrelétricas que estão em início de construção no Rio Madeira, que é um afluente do Rio Amazonas, no Brasil. Mas, nós somos também, e isso é menos conhecido e é igualmente importante, um banco de participações acionárias, um banco que talvez tenha dado a maior contribuição individual para o desenvolvimento do mercado de capitais no Brasil que hoje é bastante robusto. Claro que diminuí e sofreu muito com a crise, porque a porta de entrada da crise são sempre as bolsas, e a bolsa brasileira, evidentemente, sofreu muito e o mercado de capitais em consequência, mas o BNDES foi um sustentáculo, tem sido um sustentáculo do mercado de capitais, através de participações acionárias, sempre minoritárias, em empresas dos mais diversos setores, dos mais diversos portes, das mais diversas características dentro do Brasil. O Banco

* Em anexo, apresentação em powerpoint

desenvolveu uma tecnologia bastante, diria, hoje, aprimorada, de participar direta ou indiretamente, através de fundos, no capital de empresas. E isso é muito bom porque de um lado o Banco entra com o crédito de longo prazo, que é barato, não é subsidiado, mas é barato, como um crédito de longo prazo tem que ser.

De outro lado, ele participa no capital e se beneficia do *up sight* da empresa, do lucro que a empresa consegue, e será, a partir, justamente, de um planejamento mais bem feito, baseado num crédito de longo prazo. A maior fonte de lucro do BNDES, o BNDES tem sido um banco extremamente lucrativo, não é o *spread* em cima da participação do crédito de longo prazo, nunca é. Os *spreads* são muito pequenos. A grande fonte de lucro do BNDES é, justamente, a participação acionária minoritária e a presença no *directorio*, como se chama aqui, no conselho de administração das empresas, contribuindo para estratégias de longo prazo, contribuindo para uma melhor governância e uma melhor gestão da empresa.

Nós somos pequenos fisicamente, nós temos apenas 2.000 funcionários, estamos fortemente concentrados no Rio de Janeiro, com um escritório em Brasília, um escritório em São Paulo, um escritório em Recife, e nunca atuamos, digamos, fisicamente, fora do Brasil. Com muito prazer que eu lhes comunico, provavelmente vocês já têm conhecimento disso, nós vamos inaugurar agora no final de maio, mais tardar no iníciozinho de junho, um escritório de representação em Montevidéu, um escritório de representação junto ao MERCOSUL, pequeno, mas para nós extremamente importante, extremamente simbólico, como atuação do banco fora do Brasil, como agente mais ativo de integração.

Nós, não raro ouvimos críticas no sentido de que o BNDES é um fator de assimetria no MERCOSUL e na América do Sul. Tudo o que nós não queremos ser é um fator de assimetria. Nós queremos ser um fator de integração, e nós temos feito um esforço muito grande para que sejamos um fator de integração, com as limitações de um banco nacional de desenvolvimento, como é o BNDES.

O BNDES cresceu muito nos últimos anos, nós temos hoje ativos totais de 120 bilhões de dólares, temos uma carteira de financiamento de 92 bilhões de dólares e um patrimônio de 12, já é mais que 12, já estão em 13 bilhões de dólares. O Banco cresceu muito, e hoje realmente o BNDES é um dos maiores bancos de desenvolvimento do mundo, talvez menor que o banco da China, o *China Development Bank*, e o Banco Europeu de Investimentos. Acho que são os dois maiores que o BNDES, o BNDES talvez seja o terceiro maior.

No ano passado, nós desenvolvemos uma curva de crescimento muito grande que, na verdade, acompanhou um pouco o desempenho da economia, - acompanhou e deu sustentáculo para o desempenho da economia brasileira nos últimos anos. O ano passado nós batemos todos os recordes históricos de desembolso, liberando quase 50 bilhões de dólares para financiamento a empresas. Desses 50 bilhões de dólares tem aí talvez uns 4 bilhões de dólares investidos em projetos de infra-estrutura na América Latina e em projetos de integração da América Latina.

Nós temos algumas prioridades absolutamente claras, projetos de infra-estrutura, projetos de energia, projetos ligados à inovação tecnológica, é claro que exportação de produtos brasileiros é uma das prioridades do Banco, e muito claramente, sobretudo a partir do início do Governo Lula, a contribuição para a integração da América Latina tem sido uma de nossas grandes prioridades. Tanto é que culminou com a decisão, da qual participou o próprio chefe de Estado brasileiro, de instalarmos um escritório de representação em Montevidéu, pela primeira vez na história do Banco. O apoio à integração se divide, na verdade, em duas ferramentas: uma, o apoio à chamada *inversión directa en el exterior*, é o

apoio a investimentos específicos, desde que alguma empresa brasileira esteja involucrada neste investimento, quer dizer, nós apoiamos aqui o seguinte: investimentos de empresas brasileiras em América Latina, investimentos de empresas latino-americanas, fora do Brasil, no Brasil. Nós apoiamos *joint ventures* de empresas brasileiras em empresas latino-americanas, quaisquer que sejam, tanto no Brasil como fora do Brasil e nós apoiamos o comércio exterior, nós apoiamos exportações.

Os investimentos passíveis de apoio são: construção ou ampliação ou modernização de unidades industriais, unidades de serviço, inclusive a formação de *joint ventures*, como havia mencionado.

Nesse aspecto, no financiamento ao comércio exterior o Banco nada mais faz do que o que é feito por outros organismos governamentais, como o "JB" no Japão, o Ernest, na Alemanha, enfim, é oferta de crédito a longo prazo para exportações de bens e serviços que apóiem projetos, sobretudo, de infra-estrutura. O que nos diferencia desses organismos é a nossa grande prioridade a projetos de integração dentro de América Latina e, particularmente, do MERCOSUL.

Nós financiamos equipamentos, outros produtos manufaturados que não sejam bens de capital, serviços de engenharia, que são extremamente importantes, fundamentais, para obras de infra-estrutura e grandes obras civis e serviços associados. Nós começamos a operar, ainda timidamente em 1990, quer dizer vamos completar no ano que vem 20 anos de operações de apoio ao comércio exterior.

As exportações de serviços que nós consideramos uma coisa nobre e que pode, digamos, fazer a diferença, pode ser responsável por um bom projeto de arquitetura e engenharia consultiva, serviços auxiliares, logística, a própria construção em si, gestão de projetos e muitas redes de softwares, que são importantes em projetos desse tipo. Os desembolsos anuais do Banco para exportações tiveram este desempenho: nós chegamos no ano passado a 6,5 bilhões de dólares, nesse ano acho que crescemos mais um pouco, a nossa expectativa é chegar, talvez, a uns 8 bilhões de dólares, uma parcela dessa exportação, nem tudo, efetivamente, na América Latina, há algumas exportações para África, que o Banco apóia também algumas obras de infra-estrutura em Angola, mas tem uma forte concentração na América Latina.

Essa é apenas a sistemática de financiamento, o Banco tem sido extremamente cuidadoso no apoio a projetos, sempre tendo certeza de que o importador aprova cada etapa do projeto, para evitar que nós não estejamos contribuindo, efetivamente, para que o bom projeto de infra-estrutura se estabeleça. Nós nos precavemos com várias auditorias, tanto do Brasil como auditorias do país onde a obra está sendo feita.

Apenas para mostrar a integração dentro do Brasil, a integração nossa doméstica, do BNDES com a CAMEX, que é um Conselho de Ministros de Estado. O BNDES não atua sozinho no apoio a projetos de infra-estrutura. Na verdade, essa decisão começa até, nem sempre, mas às vezes, começa no próprio Presidente da República, que toma uma decisão, ao visitar um país, de apoiar uma determinada obra, e aí os Comitês se reúnem e tomam as providências para que o financiamento do BNDES efetivamente se materialize.

Muito bem, estou quase chegando ao final e depois eu me coloco à disposição de vocês para perguntas, ponderações, observações ou críticas. No nosso entendimento, na nossa visão, o CCR é um instrumento absolutamente fundamental. Eu aprendi algo que, certamente, o Embaixador Régis conhece muito melhor que eu, mas eu aprendi que o CCR se inspira em um modelo de integração européia do pós-guerra, mas a verdade é que, até

onde eu consigo perceber, o CCR é quase um exemplo único no mundo, por isso é que me agrada tanto a concepção, o desenho conceitual do EEB, e o fato de que ele na prática efetivamente funciona. Então acho que isso, em um ano de crise como o período que nós estamos enfrentando, eu acho que teríamos duas obrigações, digamos, os membros desse grande colegiado que é a ALADI: continuar aperfeiçoando o CCR, difundir mais ainda o CCR e usar o CCR como um exemplo da nossa região para o mundo, porque é um instrumento, a meu ver, espetacular para mitigar risco e para, efetivamente, viabilizar a integração.

Não vou, como se diz, ensinar obviamente o padre nosso ao vigário, isso a minha equipe técnica tinha colocado, mas evidentemente vocês conhecem isso muito mais do que eu. Gostaria apenas de chamar a atenção de que a primeira operação do BNDES no âmbito do CCR deu-se em 1993.

Esse é um pouco do histórico que eu aprendi recentemente, eu também aprendi que o Raul Prebisch, um dos nossos grandes homens públicos deu uma contribuição como pensador ao CCR.

Do nosso ponto de vista, o histórico de pagamentos do CCR é extremamente positivo, nenhum registro de descumprimento ocorreu até hoje, mesmo durante o período de moratória da América Latina. Eu aprendi que em 99 o Equador renegociou seus débitos juntos aos credores do Clube de Paris, e isso não afetou os créditos dos CCR. A República Dominicana, igualmente, enfrentou dificuldades, e vários outros países. O Brasil enfrentou dificuldades. Enfim, todos nós enfrentamos dificuldades nos últimos vinte anos, e o CCR, desde seu nascimento, nunca deixou de ser, de uma forma ou de outra, honrado e cumprido. Isso é de uma valia, isso é de uma preciosidade espetacular.

Essas barras em azul são os apoios do BNDES no âmbito do CCR, e as barras vermelhas são apoios sem o CCR. Então isso mostra a dimensão e a importância do CCR para o BNDES, para o Brasil, como supridor de bens de capital e de engenharia para projetos na nossa América Latina.

De um total de 4,5 bilhões de dólares acumulados praticamente nos últimos 10 anos, 72% aconteceu, no âmbito do CCR, com Argentina, com a República Dominicana, com o Equador, com a Venezuela, com o Chile, são os cinco maiores, digamos, usuários de apoio do BNDES via CCR, Argentina, República Dominicana, Equador, Venezuela e Chile. Depois temos México, um pouco, Paraguai, Uruguai, Cuba, Cuba evidentemente fora do CCR.

Alguns exemplos de projetos que nós apoiamos: o Metrô de Caracas, a usina hidrelétrica do La Vueltoza, na Venezuela, na Colômbia, um projeto muito bonito chamado "Transmilênio", de transporte urbano, aviões para a empresa equatoriana, a hidrelétrica de San Francisco, no Equador, a ampliação do Metrô de Santiago, no Chile, um projeto urbano, também muito bonito, é o TranSantiago, na Argentina, apoiamos obras de saneamento, recentemente a ampliação de gasodutos que são obras muito grandes e muito custosas e fundamentais para o abastecimento de gás em Buenos Aires, sobretudo no inverno. Apoiamos em Montevidéu projetos de distribuição de gás, aliás, estamos apoiando, nesse momento, um belo projeto de distribuição de gás em Montevidéu e linhas de transmissão de Punta del Tigre.

Esses são os projetos, podemos ir um pouco mais para América Central, também, em Cuba, plantas farmacêuticas, vários projetos agrícolas, extração de níquel, um projeto

bonito de turismo em Cuba, a República Dominicana tem dois aquedutos, três hidrelétricas, e Honduras também centrais termoelétricas.

Esses são os projetos, nós temos hoje uma carteira de projetos muito grande, temos 77 projetos, totalizando, isso em estudo, sob análise no BNDES, projetos no valor global de 24 bilhões de dólares com financiamentos, podendo atingir 2,9 bilhões de dólares. Isso é o que nós temos em estudo hoje no BNDES: são projetos de transporte de energia, de infraestrutura urbana, de saneamento e outros projetos de diversos outros setores.

Nós consideramos que o CCR é fundamental para o financiamento de longo prazo, é fundamental nos projetos de infra-estrutura que precisam de *funding* de longo prazo. É um fator de integração, de desenvolvimento da América Latina, e é um elemento de política anticíclica no momento de crise, como esse, muito importante.

Ontem na nossa reunião, que eu considerei extremamente proveitosa, Embaixador, o sistema de *monedas locais* que já está funcionando entre Brasil e Argentina, eu vejo, o sistema de moedas locais em que nós podemos avançar, digamos, no risco tomado por empréstimos, enquanto avançamos na economia de divisas, pois o tema de moeda local, em última análise, proporciona economia de divisas, mas nós dependemos menos de dólares norte-americanos. No sistema de moedas locais de um lado e o CCR do outro, se nós trabalhamos bem, se nós formos criativos, sobretudo nesse momento de crise, acho que podemos dar um passo importantíssimo no crescimento econômico da nossa região e dar um belo exemplo para o mundo.

Obrigado.

PRESIDENTE. Obrigado, não sei se ainda teríamos 5 min. para alguma pergunta que gostaríamos de fazer ao Doutor Mariante.

SECRETÁRIO-GERAL. Senhor Presidente, se não houver perguntas, creio que corresponde agradecermos muito especialmente ao Doutor Mariante pela sua exposição, realmente a mesma complementa nosso Seminário de ontem, o senhor nos deu dados que certificam que estamos pelo caminho correto querendo fortalecer o Convênio de Pagamentos e Créditos Recíprocos.

Vi com muita atenção a lista de países em projetos que os senhores têm de integração da América Latina, vejo que falta um, já que o BNDES foi o principal financiador de Itaipu, empresa binacional, não somente financiaram a empresa mesma mas *empreiteiras* brasileiras, associadas a *empreiteiras* paraguaias, que foi o que fez possível que hoje funcione, sem compromissos de bancos internacionais que não nos tivessem dado as condições e os volumes do financiamento que recebemos. Ou seja, creio que teria que agregar isso porque é um dos exemplos de integração efetiva e bem-sucedida que fez possível a maior central hidrelétrica com maior produção de energia elétrica do mundo. Portanto, agradecemos sua presença, parabenizamos que abram suas portas para os demais países, que se instalem em Montevideu e que possamos trabalhar juntos o Banco com a ALADI em algum projeto para difundir e para colaborar juntos no mesmo empenho que temos nesta Casa da Integração -como mencionava o Embaixador Regis- que é esta onde hoje estamos. Muito obrigado.

PRESIDENTE. Muito obrigado, creio que este ponto apresentado pelo Secretário-Geral é importante como complementação.

Convido os Representantes Permanente para a foto oficial, o mais rapidamente possível, com os dois Expositores.

- Registra-se a fotografia oficial.

1. Exposição da senhora Alicia Bárcena Ibarra, Secretária-Executiva da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), sobre as ações realizadas pela CEPAL para enfrentar a crise econômica internacional.

... Ofereceria, então, a palavra à senhora Alicia Bárcena Ibarra, que falará do que eu chamei fontes de inspiração nossa de integração e de desenvolvimento da América Latina, mas antes disso, o Secretário-Geral solicita a palavra.

SECRETÁRIO-GERAL. Obrigado, Presidente, senhora Secretária-Executiva da CEPAL, é para a ALADI uma real satisfação recebê-la hoje na Secretaria-Geral, visto que buscamos nos nossos arquivos e temos a surpresa de que o último Secretário-Geral da CEPAL que visitou a ALADI foi Gert Roshental, há 20 anos e antes dele Enrique Iglesias, então, o único que faltava era que tivesse vindo Raúl Prebisch, isso implica que estamos um pouco longe uns dos outros.

Ainda quando temos um Convênio de Cooperação que funciona entre nós, mas funciona muitas vezes mediante outras agências, principalmente da UNCTAD e iniciativas próprias nossas, entre os dois quando temos tanto em comum lastimosamente não estamos realizando.

Temos a sorte de que aqui no Comitê, o senhor tem um compatriota aladiano hoje mas cepalino, o Embaixador Cassio Luiselli, que muito insistiu sempre da importante cooperação que podem ter nossas duas Instituições.

Quando pensamos na realização deste Seminário realizado ontem e que pessoal técnico seu assistiu, Cassio nos instou de maneira muito insistente que tínhamos que convidar a CEPAL, a que viesse, a CEPAL esteve presente, e o que é mais, o senhor está conosco. Conhecemos sua experiência, e sabemos o importante que é a CEPAL para a América Latina.

Sabemos o importante que é que uma mulher presida atualmente a CEPAL, em momentos em que as mulheres de maneira crescente vão ocupando cargos de responsabilidade, não apenas no nossos países, mas também nos organismos internacionais e sabemos que isso é saudável. Temos o prazer aqui na ALADI de contar com duas Embaixadoras, a Embaixadora da Colômbia e a Embaixadora de Cuba, e muitas Alternas são também mulheres; creio que na Secretaria há mais mulheres que homens e essa é a razão pela qual funciona, então, é para nós muito grato tê-la hoje, repito, é um perigo que ocupem todos os cargos.

- Hilaridade.

Incrivelmente nossa cúpula, hoje somos três homens nada mais e creio que isso é um erro, certamente vamos corrigi-lo. O que queria dizer e repetir novamente que nos sentimos muito gratos com sua presença e o nosso grande interesse de escutar qual a visão atual da CEPAL dos momentos que estamos vivendo nos servirá muito, já que temos pela frente em uma semana o Conselho de Ministros.

Conselho de Ministros que, se tudo sair bem, está programado que renovará a agenda da ALADI e incorpora-se o Panamá em um momento que, como o senhor sabe, muitos dos nossos Organismos estão sofrendo descrença ou têm diferenças, na ALADI, porém, nos veremos com a satisfação de contar com um novo membro. Além disso, um membro como o Panamá que fez seu trabalho muito bem ultimamente, isto é, vem um país acompanhado de muita experiência no campo econômico muito interessante.

Então, Doutora Bárcena, é para nós, reitero, um grande prazer que esteja aqui e estamos para escutá-la.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA (Alicia Bárcena Ibarra). Muito obrigado e bom-dia, Embaixador Hugo Saguier-Caballero, Embaixador Regis Arslanian, querido Oscar Quina, queridos Embaixadores, Cassio Luiselli cumprimento-o com afeto.

Gostaria de manifestar que para a CEPAL é muito importante estreitar nossas relações com a ALADI. Nós estamos em um momento muito interessante, no qual iniciamos uma reflexão de médio e longo prazo, obviamente como organização econômica e social da América Latina e o Caribe, temos a obrigação de monitorizar com bastante proximidade o que está acontecendo na crise, mas ainda estamos olhando além da conjuntura e cremos que um dos instrumentos que a ALADI desenvolveu em seu tempo, na sua história que é o sistema de compensação de pagamentos e de compensação recíproca, consideramos que é um grande instrumento que deveremos trabalhar, tomara, conjuntamente e que deveremos difundir também diante da região, creio que é necessário um conhecimento mais preciso, creio que os senhores tiveram ontem um Seminário para o qual efetivamente pedi que viessem dois colaboradores da CEPAL e também para ir explorando que podemos fazer conjuntamente e quero dizer-lhes que temos vontade total de fazê-lo.

Hoje e por isso agradeço infinitamente o convite para contar-lhes não necessariamente o que está fazendo a CEPAL, mas como está vendo a CEPAL o problema da crise e como estão afetadas nossas economias e o que vemos que está acontecendo, como estão reagindo os países diante desta crise e finalmente o que podemos repensar e refletir conjuntamente além desta conjuntura.

Então, se os senhores me permitirem, abordaria cinco temas*, um é quais as características mais importantes da crise atual, como está nos afetando, que capacidade real está presente na região para enfrentá-la e quais as respostas dadas até a presente data e algumas reflexões sobre a conjuntura.

Venho da Cúpula das Américas e talvez no final possa compartilhar com os senhores alguma das reflexões que emanam desta Cúpula celebrada no fim de semana passada.

Então, em termos da característica da crise, e creio que isso, muitos o abordaram, assim é que não vou me centrar muito nisso, mas está claro que estamos diante uma crise cujos alcance e profundidade talvez somente se compara com a dos anos 30 e que começou obviamente no sistema financeiro norte-americano e propagou-se a outras latitudes e setores, mas o mais importante disto talvez é que a crise realmente começou em 20% do crédito hipotecário dos Estados Unidos e onde começou a crise foi nesse setor que representa 20% do mercado hipotecário dos Estados Unidos, estamos falando de um valor aproximado de 300 milhões de dólares, que era *subprime*, foi o que gerou toda esta

* Em anexo, apresentação em powerpoint

debacle, claro a partir daí foram feitas essas enormes inovações financeiras que nos levaram a isto.

Isto começa igual que nos anos 30 com uma explosão da bolha de preços de ativos e um problema de solvência do sistema, porém, hoje a magnitude é muito maior porque o grau também de interconexão das entidades financeiras é mais profundo e porque há um grau de opacidade, pouca transparência que caracteriza realmente o problema central.

Creio que o grande dilema, digamos, o ponto de inflexão que foi a queda de Lehman Brothers, porque, na verdade, a comunidade internacional tem essa grande disjunção entre se prioriza o risco moral ou o risco sistêmico e essa dúvida do sistema norte-americano e que decide em um determinado momento priorizar o problema moral e não o sistêmico faz com que Lehman Brothers caia e, portanto, isso se torna um tremendo ponto de inflexão como vemos no gráfico onde setembro de 2008 é talvez marcado como o grande momento no qual se inicia uma grande debacle.

Obviamente, esta crise que se translada muito rapidamente, em um princípio pensou-se que a crise ia ficar, em certa medida, restrita ao sistema financeiro, e vai ao setor real e se produz a maior destruição de riqueza, em grande medida, calcula-se em 25% do estoque mundial, um aumento na incerteza, algo que meu colega do BNDES falou e esta incerteza se traduz talvez na maior crise de confiança que teve o mundo inteiro e, portanto, a restrição creditícia. Confiança e crédito são sinônimos praticamente se houver confiança e crédito e se não houver, há uma enorme restrição.

Há uma parte muito delicada que é a restrição do crédito e da liquidez e isso é o que faz e quero dizer, quero enfatizar aqui, em que este instrumento do Convênio de Pagamentos e Créditos Recíprocos atualmente podem ser muito oportuno, porque justamente surgiu na sua história, em 1965, também a partir de uma crise de liquidez e creio que essa situação se repete hoje que é talvez a variável mais escassa.

Obviamente, o que mais preocupa é a destruição de empregos e o aumento do desemprego. Então, atualmente não estamos diante de um tema somente de resgate de bancos, mas de resgate da economia inteira, que esse é, na verdade, o grande problema que estamos enfrentando no mundo inteiro, isto é, se for somente o resgate de alguns bancos, então, estaríamos falando de que a crise é exclusivamente financeira e está restringida a alguns lugares geográficos, mas não é assim e, então, este aumento... e talvez estejamos na história no maior aumento de liquidez que vamos viver em uma geração.

Como estamos vivendo o momento hoje sobretudo depois da Reunião do G20, onde os países desenvolvidos, os países em desenvolvimento disponibilizam enormes quantias, as economias emergentes de liquidez, isso talvez não seja vivido novamente na história, porém, este aumento de liquidez, de volta dos Estados Unidos, da Europa, etc, não tenha sido traduzido necessariamente em um aumento de crédito ao setor privado, por quê? Porque continua havendo uma desconfiança tão grande que os que estão recebendo a liquidez preferem economizá-la, ficar com ela.

Obviamente, há uma perda de capital nos bancos que obriga a recompor esta relação capital-ativos, uma enorme incerteza em termos de solvência e temos o que na CEPAL chamamos o caso keynesiano perfeito, onde a demanda é quase infinita de liquidez e onde há uma demanda de bens muito pouco sensíveis às taxas de juros, porque, efetivamente, os países reagiram, como vamos ver posteriormente, fundamentalmente mobilizando as taxas de juros e, porém, estas ações não tiveram o efeito desejado.

Portanto, vemos que uma das ações a serem tomadas por todos é aumentar o déficit fiscal para estimular a demanda, mas inclusive o grande aumento de estímulo da demanda não fará grande sentido se não mudar esta tendência de apalancamento no impulso financeiro.

Então, rapidamente a CEPAL analisou quais os canais de transmissão da crise e vemos, estamos saindo de uma bonança econômica, na América Latina tinha elementos muito favoráveis em relação ao crescimento, pelo menos entre 2003 e 2008, a região pelo menos em média vinha crescendo, pelo menos, 5%, 3% do produto interno bruto per cápita, talvez um crescimento que não tinha sido alcançado há 40 anos e também tínhamos alcançado graças a que os termos de intercâmbio, os preços dos bens primários eram positivos para a região, foram alcançados termos de intercâmbios positivos, isto é, a região estava saindo de uma situação do que foi chamado bonança econômica.

Há cinco áreas onde esta crise afetou a região e não todos por igual, devemos dizer isso com muita clareza, porque as médias escondem realidades muito diversas, não tem sido o mesmo o impacto ao México e à América Central que ao Caribe e que à América do Sul e ainda nestas sub-regiões também há enormes diferenças.

Mas, em primeiro lugar, a diminuição da demanda, a desaceleração de exportações que é muito forte, realmente muito importante esta desaceleração de exportações no mundo e também na região. Há uma diminuição dos preços dos bens primários, vamos ver depois, uma redução das remessas, isto afeta fundamentalmente a América Central, o México e o Caribe. Menor receita pelo turismo, isso afeta brutalmente o Caribe e uma diminuição dos fluxos de investimento estrangeiro. Embora aqui no investimento estrangeiro nós tínhamos visto no relatório que acabamos de terminar sobre investimento estrangeiro que, na verdade, o investimento estrangeiro caiu no mundo 21% em 2008, enquanto que na América Latina não caiu, aumentou em 2008 para 8%, marcado, fundamentalmente, pelo Brasil, sem dúvida, e pela América do Sul realmente.

Os países perdedores em investimento estrangeiro são definitivamente o México, os ganhadores são a Colômbia e o Brasil fundamentalmente, mas então por que digo isto, porque na verdade a região vinha bem e de pronto isto é como um avião onde a crise bate e começam repentinamente a desligar seus motores aos poucos e o avião latino-americano começa a planar. Isto significa que a crise, na verdade, assim é, tem duas razões, digamos, porque a região estava melhor preparada mas não imune e segundo que, na verdade, mais que um efeito de desacoplamento como muita gente quis tentar analisá-lo assim, é um efeito de dilação, ou seja, está chegando um pouco mais tarde, mas está chegando.

Vemos, por exemplo, o preço dos produtos básicos como caiu, os senhores vêem aí o preço dos alimentos, a linha verde reflete o preço dos alimentos como realmente teve uma alta muito forte a meados do ano passado e cai, mas não cai nos níveis anteriores este fator histerese, de que de alguma forma a demanda externa continua pressionando para que os preços aumentem embora seja um pouco mais de seu nível anterior.

Este é o reflexo dos minerais dos quais a região se beneficiou muito, especialmente, a América do Sul novamente, e os países produtores de petróleo, mas também os que exportam minerais, fundamentalmente os países andinos, então, obviamente os preços do petróleo aumentaram muito, os senhores lembram que chegou a ter 180 dólares por barril, agora estamos em 45, tem oscilado no último mês entre 45 e 50 e, portanto, também o preço do petróleo está um pouco mais alto que antes mas não tanto como esteve talvez no começo do ano passado. E este é o preço fundamentalmente do petróleo, a linha vermelha são os minerais, e a linha azul é o petróleo, mas a queda é mais importante.

Vemos que estes preços favoráveis fizeram com que os termos de intercâmbio em 2008 fossem positivos praticamente para toda a região, aumentaram em 2008 os preços que são os traços azuis, ainda foram em média termos positivos, 0.9% para a média da região.

Nos países do MERCOSUL o aumento foi de 2.7%, enquanto que os exportadores de combustíveis praticamente 13% que são fundamentalmente o Chile e o Peru que é o traço azul mais alto. Porém, e vemos que onde tem diminuição dos termos de intercâmbio ainda em 2008 é na América Central, que é praticamente o penúltimo traço azul para a directa e temos o México, salvo praticamente pela exportação de petróleo. Mas em 2009 uma grande deterioração dos preços de intercâmbio reflete-se nos traços vermelhos que é onde realmente há uma diminuição muito forte na balança destes preços que antes tinham nos beneficiado tanto.

Obviamente, aqui analisamos que nem todas as economias estão expostas da mesma maneira, isto é uma coisa que tentamos refletir na CEPAL para ver qual o grau de exposição externa dos componentes da demanda em porcentagem de PIB e vemos que há economias como o Panamá, Honduras, Paraguai, Equador, Chile, em fim, as do traço verde, que são as economias mais expostas no tocante às exportações, são aquelas economias muito dependentes das exportações e, portanto, o traço verde nos reflete um pouco o nível de vulnerabilidade que tem esse setor.

O traço vermelho refere-se ao consumo privado e fundamentalmente refere-se a remessas e aqui vemos que países como Honduras, Nicarágua, claro que Haiti, que é talvez o mais vulnerável quanto a remessas e temos outras economias também muito dependentes como El Salvador, porque a porcentagem das remessas, por exemplo em El Salvador é praticamente 20% do seu produto interno bruto. Não é o caso do México em termos de PIB, mas sim em termos absolutos, porque por exemplo as remessas no México diminuíram aproximadamente 12%, o México tinha recebido em 2007 cerca de 27 milhões de dólares, pois uma queda de 12% é uma queda muito importante.

Aqui temos o consumo público, isto é, o investimento público que é tão sensível a este tema e, por último, o tema do investimento, como estes países são bastante sensíveis ao investimento e o que se mede aqui não é tanto que é o que foi afetado, aqui não estamos medindo isso, o que estamos medindo é quão dependentes são estas economias destes quatro fatores, isto é, o fator exportação do consumo privado, o consumo público e dos investimentos. Então, obviamente nem todas as economias como vimos estão expostas.

Houve no canal financeiro um efeito muito forte no aumento do custo do crédito e na disponibilidade do financiamento internacional. Vale a pena mencionar que por exemplo, na nossa região já simplesmente a percepção do risco sobre as economias emergentes simplesmente pelo fato de ter estalado a crise já o risco, o EMBI medido na América Latina aumenta muito, talvez não nos níveis anteriores, mas já tratar-se de economias emergentes simplesmente ir para fora buscar crédito externo vai custar mais caro porque nosso risco aumentou de maneira tal... e isso tem a ver com as qualificadoras de risco que esse é um dos grandes problemas e grandes queixas dos nossos países, que por que as qualificadoras de risco quando estala uma crise desta natureza imediatamente castigam as economias latino-americanas.

Uma coisa muito interessante que quero mostrar aqui é que há duas razões pelas quais os senhores escutaram certamente em muitas partes que falavam que a América Latina estava melhor preparada, e eu diria duas razões bastante únicas na história da nossa região.

Um é que a dívida pública diminuiu de maneira muito importante na região. Vamos vê-lo daqui a pouco, a dívida pública é o traço verde e esta dívida pública externa aqui simplesmente estamos refletindo como diminuiu a dívida pública entre 2006 e 2008. Depois disso, vamos ver as médias entre 2003 e 2009. A dívida pública na América Latina diminuiu de 24% de 2003 do PIB para 8% em 2009, a dívida pública e esses são os traços verdes, cada país teve obviamente uma reação diferente.

Mas aqui o mais importante é que o setor mais exposto é o setor privado, isto é, realmente as empresas são as que têm muito mais problemas porque são as mais endividadas, um pouco o que manifestava o colega do BNDES que a economia estava mais em mãos privadas que públicas e isso é assim, isto é, de tal forma que o setor mais endividado, o mais sensível, o mais vulnerável externamente é o setor privado.

Então, nós para o ano 2009, a CEPAL, obviamente tínhamos feito alguma estimativa de crescimento no final do ano passado sempre e quando as economias se recuperassem neste ano, mas vemos que a recuperação é muito mais lenta sobretudo nos Estados Unidos que apenas estão anunciando as medidas que ainda se observa um vento otimista, eu diria um otimismo homeopático, isto é, um otimismo aos poucos, então, há determinado otimismo homeopático nas economias desenvolvidas mas isso para nossa região implica que pelo menos nossas previsões de crescimento são muito mais pessimistas que no ano passado e estamos estimando que a região neste ano não vai crescer, vai ter crescimento negativo de menos 0.3% e, fundamentalmente, porque há duas economias que vão crescer negativamente que é o Brasil e o México, e, portanto, obviamente pesam muito estas economias nas médias regionais. Os senhores vêem que há outras economias que vão liberar em termos de crescimento, se não vai ser negativo, por exemplo, no caso do Chile, estimamos que o crescimento vai ser 0, mas isto tem mudado.

Fazemos estas previsões em função do comportamento deste primeiro trimestre da economia e obviamente do que aconteceu no último quadrimestre de 2008, agora que é o que mais digamos, à região lhe preocupa perder, fizemos uma análise de que os níveis de recuperação econômica que tivemos antes dos anos 80, antes da década perdida passamos 12 anos para recuperar os níveis de crescimento econômico para alcançar níveis positivos, como por exemplo de 4 ou 5%, porém, em matéria social o dobro, 24 anos, isto é, para alcançar os níveis de pobreza que tínhamos antes dos anos 80, não tardamos 24 anos, então, sempre o social tarda o dobro e isso é pelo que os países estão preocupados porque esse é um gráfico de desemprego ou de emprego.

Entre 2003 e 2007, 2008, praticamente conseguimos diminuir o desemprego de 11% que é o traço vermelho para 7.5% até 2008. Mas, como estamos estimando já a deterioração do desemprego em quase um ponto percentual e um ponto percentual de desemprego na América Latina implica 37 milhões de desempregos e o traço azul reflete como fomos avançando na taxa de emprego. Emprego formal, porque o emprego obtido nestes últimos anos foi um emprego assalariado, um emprego formal, a perda de emprego para a América Latina é muito grave com a exceção do Uruguai, que é o único país que tem seguro de desemprego, as pessoas não somente perdem o emprego, mas também o acesso à seguridade social, à educação a todos os benefícios, porque estamos atados demais na nossa sociedade que o emprego é o que dá as garantias e ser cidadão, que essa é uma grande diferença que creio que devemos relevar aqui.

Quanto à perda social, não trago o gráfico mas o tenho se alguém tiver interesse, entre 2003 e 2008 a região avançou 10% de pobreza, isto é, de 44% para 34%, baixamos 10 pontos da pobreza e da pobreza extrema 7 pontos, de 19% para 12%, que quer dizer que

tiramos gente da pobreza, mas não vencemos o grande peso da desigualdade, devemos dizer isto, continuamos sendo o Continente não mais pobre mas o mais desigual.

Em termos de pobreza, isto é muito grave porque a gente que saiu da pobreza, pois francamente hoje não quer voltar à pobreza e isso é o que realmente alarma que pode haver um tema social muito preocupante, que isso foi abordado na Cúpula das Américas, se a região fez esforços muito fortes para tirar, estamos falando de 10 pontos, praticamente 70 milhões de pessoas que se afastaram da linha de pobreza extrema pelo menos alguns pontos para acima, então, como fazemos para proteger esse capital.

Também é verdade que nossos países investiram muito nos programas denominados de transferências condicionadas, ou seja, Famílias em Ação na Colômbia, oportunidades no México, Bolsa Family no Brasil, etc, que são programas muito importantes que apoiaram muito a renda das famílias mais pobres. Mas o grande tema pendente na América Latina não é tanto que continuemos sendo assistencialistas, mas também como conseguimos tirar a gente da pobreza a partir da produtividade e não somente das transferências sociais.

Que capacidade tem a nossa região para enfrentar a crise atual? Porque está muito bom que anunciem estímulos fiscais, mas qual a margem de manobra real dos países da região, quantos têm, em verdade, espaço para levar adiante isto, então, o que manifestávamos que em termos de estoques a região está melhor preparada, não há dúvida de que há reservas internacionais importantes como eu manifestava, o aumento das reservas na região é fundamental. Temos, em grande medida, na região uma média, eu diria 15% do PIB de reservas, que quer dizer aproximadamente 500 milhões de dólares de reservas internacionais.

Os países que mais reservas têm obviamente é, com relação ao PIB, curiosamente é Bolívia, Peru, Paraguai, Honduras, Nicarágua, Argentina e Brasil, que são países que economizaram em relação ao seu produto interno bruto, então, há países que aproveitaram e têm esses estoques de reservas e também como manifestávamos ter diminuído a dívida pública, é também um ativo muito importante, no traço azul vê-se 2003 onde estava a dívida pública e no traço vermelho é como os países encurtaram, pagaram sua dívida externa ou ré-pactuá-la em moeda nacional em termos mais favoráveis, isto é, onde manifestava que passamos de 24% para 8% de dívida pública.

Então, se for verdade, estamos melhor preparados em termos de estoques e, portanto, há espaço para o endividamento, mas realmente com a expectativa e a esperança de que a região não se endivide novamente nos níveis que chegou nos anos 80, mas efetivamente há determinado espaço para o endividamento e, de alguma forma, aqui na Cúpula das Américas houve para minha maneira de ver, dois elementos que estiveram presentes em todos os discursos dos Presidentes e um foi o fato político de manifestar preocupação de que os Acordos do G20 tomados de 1.1 milhares de milhões de dólares para a Comunidade Internacional e o Fundo Monetário, banca multilateral, facilitação do comércio, não sejam estes fundos, esta liquidez, vamos à Europa do Leste ou à Ásia e que a América Latina não apareça na cena, esse foi o clamor de todos ao manifestar se está sendo dada ao Fundo Monetário Internacional uma liquidez para que alcance os 750 milhões de dólares e à facilitação do comércio 250 mil que a América Latina não fique fora.

E segundo nesse não se fica fora, a petição específica de recapitalizar ou de ampliar capital ao Banco Interamericano de Desenvolvimento e, portanto, também aos bancos regionais, mas basicamente ao Banco Interamericano de Desenvolvimento há uma petição expressa de todos os países de realmente conseguir a ampliação de capitais.

Um dos aspectos que queria hoje manifestar é que -e lamento que meu colega do BNDES não esteja, porque discutimos isso na semana passada com o Presidente do BNDES- realmente os sistemas financeiros na América Latina não estão tão expostos como outras regiões, isto é, houve mais disciplina no manejo do sistema financeiro na América Latina, um pouco o que aconteceu ao Canadá, também, ou seja, nossos sistemas financeiros estavam regulados, tinha mecanismos de supervisão, mecanismos de regulação que fizeram com que os nossos sistemas financeiros não estivessem tão expostos. Se os senhores vêem, por exemplo, a Europa, a Europa do Leste, que é o primeiro traço vermelho é a mais exposta e Ásia-Pacífico é o segundo lugar.

Os dois países mais expostos na América Latina são o Brasil e o Chile, mas basicamente porque sua carteira está exposta em termos de que é dependente do exterior, mas não necessariamente porque seus sistemas não estiveram bem regulados nem bem manejados, mas em geral, digamos, francamente o grau de exposição do sistema financeiro latino-americano também ajuda, então, já dissemos que preservam o baixo endividamento e, em certa medida, o sistema financeiro é mais sã que em outras regiões faz com que a região tenha melhores elementos.

Olhem como deteriorou-se a situação tão rápido na realidade, nós, por um lado, estamos vendo o resultado fiscal global e, por outro lado, estamos vendo a conta corrente, é o que chamamos os indicadores gêmeos em certa medida que ajudam a ver se as economias estão bem ou mal. Íamos muito bem porque praticamente tinha muitas economias no quadrante virtuoso, que é o quadrante superior direito e as economias para lá devem tender porque queremos ter mais superavit fiscal e melhores contas em relação à conta corrente, então, não íamos mal e curiosamente os senhores vêem aí a Bolívia, Venezuela, Chile, Argentina, Equador, Peru, Paraguai e a média da região ía para lá, bom, isto era até 2007.

Levem em conta onde estávamos em 2008, começa a ser povoado o quadrante mais perigoso, que é o quadrante inferior esquerdo e em 2009 já estamos praticamente todos tendendo para o quadrante menos propício no tocante à conta corrente e ao deficit fiscal e já vamos rapidamente indo para o deficit fiscal e para o deficit de conta corrente.

O que estão fazendo os países? E espero com isso concluir para abrir o debate, se os senhores desejarem. Fizemos um documento que está à sua disposição, onde elaboramos uma matriz comparada de todos os países incluindo os Estados Unidos e o Canadá onde vemos o que fizeram os países até 31 de março, não tenho o que fizeram, mas o que anunciaram, o que fizeram ainda não sabemos, digo algumas coisas, tiveram um efeito muito rápido, mas, na verdade, colocamos nesta matriz todos os anúncios que os países fizeram nos seguintes temas: o primeiro tema é o tema monetário, o traço verde que os senhores podem ver quantos países responderam, praticamente 13 das economias da América Latina e o Caribe tomou iniciativas muito importantes no âmbito monetário e se nessa matriz os senhores vêem o que fez os Estados Unidos, praticamente tomou medidas monetárias, a maior parte das medidas que tomou os Estados Unidos são de caráter monetário e fundamentalmente na América Latina os instrumentos monetários, pois são muito mais limitados porque, na verdade, somos economias escassamente monetizadas e algumas dolarizadas inclusive.

Então, é pouco o que os nossos países podem fazer, mas sem dúvida houve realmente ações importantes sobretudo a baixa na taxa de juros e obviamente a taxa de câmbio, os dois grandes elementos que estiveram detrás. Obviamente, há países que tiraram os encaixes bancários ao ingresso de determinados capitais, em fim, os senhores o podem ver no detalhe na matriz.

A segunda coluna não reflete com muita clareza o tema mais forte na região, o tema da política fiscal. A maioria dos países realizaram ações em política fiscal em todos os níveis, um é em influir na política de impostos ou subsídios, isto é, anunciaram impostos temporários ou subsídios a, por exemplo, setores da exportação ou, inclusive, sobretudo aqueles setores envolvidos em comércio e aí estão detalhadas as medidas tomadas nesta matriz.

Vou pôr um exemplo, no Brasil que foi muito importante o fato de que o Brasil anunciou um estímulo para os compradores de automóveis e reduziu o imposto de 7% para 0%, bom isso é importantíssimo para a indústria automotiva do Brasil que vinha caindo em queda livre e repentinamente o anúncio desta medida e a implementação da medida a indústria automotiva volte a aumentar e, inclusive, as casas da indústria automotiva que estão no Brasil estão muito melhor que nas suas casas matrizes, ou seja, a Nissan, a Volkswagen, etc, estão muito melhor no Brasil que na Europa ou no Japão. Essa foi uma medida muito concreta que tomou o Brasil e que estimulou imediatamente uma indústria muito importante.

Na coluna vermelha, na segunda, aí falamos mais que nada do que os países anunciaram em relação aos pacotes de estímulo fiscal onde fundamentalmente fizeram anúncios muito importantes de infra-estrutura. A maioria dos países fizeram anúncios muito fortes de pacotes de infra-estrutura, o pack brasileiro, o pacote de estímulo fiscal do México, o do Chile, agora vamos ver o que representam em termos do PIB, porque aí temos um cálculo de quanto impacta esta mobilização de recursos para o setor infra-estrutura é muito importante.

Mas, ao que estão se enfrentando os nossos países? A capacidade para fazer projetos se desmantelou no tempo, ou seja, o único ou possivelmente dois bancos de desenvolvimento que continuam na região é o BNDES mesmo, no México se desmantelou e agora está se tentando fortalecer NAFINSA; no Chile está a CORFO, mas, em geral, na região se desmantelaram os sistemas de planejamento, os sistemas de infra-estrutura, os sistemas de projetos, então, agora apesar de que há um grande estímulo fiscal, esta região está adoecendo de projetos, onde investimos, aonde lhes colocamos e isso faz com que possivelmente muitos desses projetos possam demorar um ou dois anos, mas agora há obviamente alguns países que estão investindo fortemente em moradia, em hospitais, em coisas de curto prazo.

O azul que creio que é o mais importante para este lugar que estamos atualmente refere-se às políticas comerciais e aí vemos que houve aumentos em algumas tarifas da região e, digamos, há temor a que esteja novamente o protecionismo, ou seja, que esteja de volta no mundo inteiro; no G20 o Banco Mundial acaba de publicar um artigo muito interessante onde consta que obviamente todos os países do G20 pediram que não houvesse protecionismo e não sei que mais, pois dos 20 que estavam ali sentados, 17 tomaram medidas protecionistas, ou seja, há um pouco de distância entre a retórica e a realidade.

Agora obviamente este protecionismo está nos limites que permite a Rodada de Doha, a inconclusa Rodada de Doha, onde saímos perdendo muitas economias que nos abrimos no tempo e que aquelas que tinham se comprometido a baixar definitivamente suas tarifas como os Estados Unidos que ia baixar suas tarifas para 70%, em 2013, e na Europa para 54% em 2013, segundo eles, se não conclui a Rodada de Doha não importa, mas às nossa economias importa porque essas tarifas que iam, em certa medida, já de uma vez por todas a quitar em 2013 eram tarifas muito importantes para as indústrias, por exemplo, latino-americanas.

Finalmente, gostaria de mencionar nos traços laranja e cor de rosa que são medidas de caráter setorial e social, aí onde os países estão tentando manter, por exemplo, nos traços cor de rosa fala-se de onde esta investindo; em moradia, em seguridade social, em fim, em temas que podem ser úteis para os setores mais vulneráveis e também há medidas muito interessantes no setor agropecuário que creio que para esta região do Uruguai, Argentina, Brasil e a Comunidade Andina são os países que mais tomaram medidas para proteger o setor agropecuário.

Na área social, que é o amarelo é onde refere-se a como continuar mantendo o investimento nos programas sociais. Este é o impacto das medidas que como eu dizia é muito mas vejam, por exemplo, a Argentina, praticamente de seu gasto público é 5.7%, o que está sendo gasto em investimento público, vemos Colômbia 4.2, embora o Presidente da Colômbia diga não vou anunciar nenhum pacote específico de estímulo nem de resposta à crise, mas vou continuar fazendo o que vinha fazendo é mais não vou encurtar nada, mas ainda assim representa 4.2% de seu gasto público, Peru, 2.4%, Chile, 2.2% e a média da região é de 1.4%, então digo-lhes é uma mobilização de recursos muito importante e muito forte a uma região ávida e com um grande deficit no tocante à infra-estrutura.

Quais as lições aprendidas? Em primeiro lugar, isto de evitar o protecionismo, mas não somente o comercial, talvez o mais delicado pode ser o nacionalismo financeiro, isto é, o fato de que a banca internacional queira trazer de volta às suas casas matrizes as economias externas, então, isso foi chamado o nacionalismo financeiro, uma das coisas que podem acontecer e é preocupante.

Que as medidas tomadas não aumentem a iniquidade, que creio que esse é um grande tema que às vezes quando são anunciados impostos ou subsídios de caráter generalizado, às vezes não necessariamente são focalizados suficientemente às populações mais vulneráveis e como se mantenha o capital humano mediante estes programas que eu mencionava, concentrar o investimento em infra-estrutura produtiva e social e avaliar a aplicação do *green deal*, isto é, que tanto das nossas economias vamos a economias baixas em carbono, isto, por exemplo Obama dos 700.000 ou 800.000 milhões de dólares que anunciaram ele está dizendo que 100.000 desses 800.000 vão ser aplicados em tecnologias baixas em carvão, seja eficiência energética e na Cúpula das Américas este foi um dos grandes temas que anunciou Obama e que anunciaram todos os países de fazer uma associação energética e da mudança climática para reduzir estes temas.

Creio que tenho que parar aqui, embora somente gostaria, talvez, de tocar o tema que nos ocupa e, pelas razões que considero minha visita à ALADI muito importante e quero manifestá-lo com muito carinho e afeto, creio que a ALADI é para a CEPAL uma Instituição com a qual temos interesse de trabalhar porque pensamos que uma das saídas mais importantes da crise virão pelo lado do comércio intra-regional, da integração que são os que nos podem dar para proteger nosso investimento, para proteger nosso crédito, para proteger nossa produtividade e não estou falando de um protecionismo, porque a gente poderia dizer, está falando de proteger a região, em certa medida sim como disse o Presidente do México na Cúpula das Américas. Ele disse que os asiáticos capitalizem seu banco asiático, dediquemos ao nosso nosso banco, tem razão, isto é, creio que chegou a hora de que a nossa região olhe a região e da região se integre com maior eficácia.

Não queremos já mais comércio com pobreza, queremos comércio com equidade, queremos integração, fizemos análise na CEPAL e creio que os podemos compartilhar talvez em algum seminário futuro de como o comércio intra-regional, por exemplo, na América Central, o peso do comércio intra-regional na região é de 30%, tirando a maquila e

a América Central é uma subregião que aprendeu rapidamente que o comércio intra-regional é bom, dá maior agregado aos produtos e pode ser uma alternativa muito importante para o futuro da nossa região.

Na CEPAL estamos nisso, estamos pensando no que devemos fazer além da crise, que paradigma devemos revisar, o que não gostamos, pois não gostamos de que o investimento estrangeiro se concentre em alguns países e que seja muito extrativo de recursos naturais e que não estejamos pensando para o futuro. Tivemos uma reunião com a Coreia, os coreanos manifestam: nós saímos da pobreza graças à indústria automotiva e agora a Coreia manifesta que em 40 ou 20 anos queremos ser um país líder em matéria de tecnologia de desenvolvimento sustentável ambiental e energético, isso é o que vai ser nosso futuro e nós, região latino-americana e caribenha, qual o nosso futuro? Qual a nossa força? Quais as nossas vantagens comparativas? Por que não vamos além do dia a dia e isso é o que convido à ALADI a que façamos conjuntamente com a CEPAL. Muito obrigada.

PRESIDENTE. Muito obrigado, doutora Alicia Bárcena, creio que, como a senhora manifestou, sua vinda aqui foi muito importante, e para nós também, creio que o senhor nos deu um quadro muito claro, muito preciso de como a crise tem afetado nossa região e mais do que isso, creio que a senhora nos deu informações e dados muito pouco convencionais, com o estilo cepalino.

Se eu pudesse tirar uma conclusão, nos demonstrou realmente que apesar de todos os problemas que temos como países em desenvolvimento soubemos mal ou bem fazer nossa tarefa. Fizemos? Com mais disciplina, na parte financeira, monetária, que talvez muitos dos países desenvolvidos e esta tarefa deve-se ao papel do Estado, o papel dos Estados entre nós teve uma importância muito grande.

Creio que manifestar isso para nós, como eu disse no começo, somos uma Casa de Integração, ajuda muito no nosso trabalho, ontem mesmo, como o senhor sabe, tivemos um Seminário sobre o Convênio de Pagamentos e Créditos Recíprocos e sobre o Uso de Moedas Locais, como foi dito aqui e o objetivo principal foi justamente como enfrentar a crise, como mitigar os efeitos desta crise e, como manifestou o Secretário-Geral, na semana próxima temos a expectativa de aprovar Projetos de Resolução importantes na parte econômica, na social, na comercial, que ajudarão muito a todos nós na região, na América Latina a não apenas enfrentar a crise, mas também fazer com que haja um desenvolvimento maior na nossa região.

Muito importante sua intervenção, agradecemos-lhe muito pela sua presença aqui. Não sei se o Secretário-Geral quer fazer uso da palavra? Tem a palavra.

SECRETÁRIO-GERAL. Obrigado, Presidente, se pudéssemos qualificar sua exposição e fôssemos uma Mesa examinadora, creio que o senhor receberia unanimemente um brilhante, estamos realmente muito contentes de tê-la escutado e aprendemos muito nesta manhã.

A Secretaria-Geral tem uma medalha para lembrar a presença de visitantes ilustres como a senhora, no ano passado começamos a entregá-la e as têm Enrique Iglesias, Enrique García –os dois Enrique- e também José Miguel Insulza, agora corresponde entregá-la à senhora e queremos que leve como lembrança da sua presença na ALADI, peça ao Presidente do Comitê de Representantes que a entregue.

- O Presidente do Comitê de Representantes e o Secretário-Geral entregam a medalha recordatória.

- Aplausos.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA (Alicia Bárcena Ibarra). – Isto foi uma surpresa muito grata, quero manifestar que isto terá um lugar na CEPAL a partir do meu regresso a Santiago, mas gostaria de convidá-los a que juntos pensemos o que podemos fazer para propor coisas inovadoras e proponho ao Secretário, ao Presidente e a todos os senhores que talvez em pouco tempo possamos fazer uma reflexão sobre o papel do Estado, creio que temos que revisar o papel do Estado do Século XXI, nós o estamos fazendo, não em matéria política porque não corresponde a nós, mas sim em matéria econômica, sim em matéria social e nesse sentido a uma nova economia que creio que vem fortemente e nos está levando, talvez, à maior mudança transformacional que a estrutura produtiva vai vir pelo lado mais inesperado que vai ser o tema da mudança climática.

Creio que deveríamos falar com a ALADI como podemos ajudar concretamente, como evoluciona o Convênio de Pagamentos e Créditos Recíprocos, como realmente o podemos transformar, potencializar e que contem conosco para essa tarefa. Muito obrigado e sinto-me muito contente por este reconhecimento.

PRESIDENTE. Muito obrigado à Secretária-Executiva da CEPAL, creio que são grandes idéias e as grandes idéias têm que ser pensadas e refletidas, como o senhor disse, é uma muito boa idéia e podemos fazê-lo quando o senhor regressar aqui a Montevidéu, avisa-nos, obrigado.

Encerra-se a sessão.
